

Acumulando futuros

Accumulating Futures

MARINA VISHMIDT (1976–2024)

University of Applied Arts, Viena - Áustria

SOFIA PORTO BAUCHWITZ

Universidade Federal da Paraíba, UFPB – Brasil

FERNANDA GRIGOLIN

Universidade de São Paulo, USP – Brasil

MARIA TERESA MHEREB

Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP – Brasil

RESUMO

Esta tradução inédita do ensaio “Acumulando Futuros”¹ (“Accumulating Futures”, 2020), de Marina Vishmidt (1976–2024)², foi realizada para compor o dossiê “Poéticas do Envolvimento” (v. 7, n. 1,

¹ O artigo, cujo título em inglês é “*Accumulating Futures*”, foi publicado originalmente em 2020 em: Eric C. H. de Bruyn & Sven Lütticken (eds.), *Futurity Report*. Berlin: Sternberg Press/MIT Press, 2020. Nesta tradução, todas as notas inseridas pelas tradutoras serão introduzidas por N.T., ao passo que as Notas da Autora, adicionadas por Marina Vishmidt ao texto original, são indicadas por N.A. Sinalizamos, ainda, que todas as obras citadas pelas tradutoras nas notas de rodapé ou empregadas por nós para traduzir citações ao longo do texto foram incluídas na seção das Referências Bibliográficas ao final deste artigo, junto às referências da própria autora. Por fim, destacamos que o objetivo desta tradução é fomentar o debate nacional, e, como Antonio Gramsci (2023), entendemos que o sucesso de uma tradução só pode ser medido por seus efeitos na cultura política de chegada. Assim, esperamos que esta tradução gere vastas discussões. Sobre a função sócio-política da tradução na cultura de chegada, ver, por exemplo, o artigo “Sobre tradução e política: um projeto para os *Arquivos sentimentais de uma guerra no Líbano*, de Nadia Tuéni” (2025), de Maria Teresa Mherreb.

² Marina Vishmidt (1976–2024) foi uma escritora, editora e crítica de arte norte-americana, nascida em Kharkiv, na então União Soviética. Atuou como professora de Teoria da Arte na University of Applied Arts, em Viena, até abril de 2024. Ao longo de sua trajetória acadêmica, foi pesquisadora no Leuphana Institute of Advanced Studies in Culture and Society (2024), ocupou a Rudolph Arnheim Guest Professorship em História da Arte na Humboldt University de Berlim (2022) e foi professora visitante na Södertörn University, em Estocolmo (2020). Também lecionou no Centre for Cultural Studies da Goldsmiths, University of London (2016–2023), e no Netherlands Art Institute (2014–2018). Seu trabalho teórico concentrou-se nas relações entre arte, valor e trabalho, investigando especialmente as transformações do capitalismo financeiro e seus efeitos sobre os processos de subjetivação no campo artístico. Publicou amplamente em revistas como *Mute*, *Afterall*, *Historical Materialism*, *Radical Philosophy* e *Texte zur Kunst*, entre outras, e integrou conselhos editoriais dedicados à teoria crítica. Entre seus livros destacam-se *Reproducing Autonomy: Work, Money, Crisis and Contemporary Art* (2016) e *Speculation as a Mode of Production: Forms of Value Subjectivity in Art and Capital* (2018).

2026). O trabalho insere no contexto brasileiro uma reflexão crítica fundamental acerca da temporalidade no capitalismo contemporâneo, dissecando como a transformação do tempo em mercadoria e a resiliência neoliberal bloqueiam a imaginação política de futuros qualitativamente diferentes. A relevância da tradução reside no diálogo direto com as provocações do edital curatorial: amparada no pensamento de Antônio Bispo dos Santos e na crítica de Donna Haraway. A obra de Vishmidt oferece ferramentas teóricas para pensar as poéticas do envolvimento como formas de resistência à necropolítica e à naturalização da precariedade. O projeto é fruto de trabalho voluntário, sem fins lucrativos e com finalidade estritamente acadêmica. O processo tradutório manteve a densidade estilística da autora e o rigor terminológico da teoria crítica, visando instrumentalizar artistas e pesquisadores a questionarem o que, no presente, impede o futuro. A publicação foi autorizada em 11 de fevereiro de 2026 pelo viúvo da autora, o poeta Danny Hayward.

PALAVRAS-CHAVE

Marina Vishmidt, temporalidade, capitalismo contemporâneo, futuro, arte contemporânea.

ABSTRACT

This unpublished translation of the essay “Accumulating Futures” (2020) by Marina Vishmidt (1976–2024) was undertaken for inclusion in the dossier “Poetics of Involvement” (vol. 7, no. 1, 2026). The work seeks to introduce into the Brazilian context a fundamental critical reflection on temporality in contemporary capitalism, examining how the transformation of time into a commodity and neoliberal resilience obstruct the political imagination of qualitatively different futures. The significance of this translation lies in its direct dialogue with the provocations of the curatorial call, grounded in the thought of Antônio Bispo dos Santos and the critique of Donna Haraway. Vishmidt’s work offers theoretical tools for conceiving poetics of involvement as forms of resistance to necropolitics and to the naturalization of precarity. The project results from voluntary, non-profit work undertaken for strictly academic purposes. The translation process preserved the author’s stylistic density and the terminological rigor of critical theory, aiming to equip artists and researchers to question what, in the present, obstructs the future. Publication was authorized on February 11, 2026, by the author’s widower, the poet Danny Hayward.

KEYWORDS

Marina Vishmidt, temporality, contemporary capitalism, future, contemporary art.

Introdução

Com efeito, a própria lei prática nada significa além desta forma do tempo vazio.

Gilles Deleuze, Diferença e repetição.

O tempo é frequentemente entendido como um material a ser acumulado, e isso quer estejamos a olhar para o tempo de trabalho e as mercadorias, para o gerenciamento de risco de instrumentos financeiros ou para o valor atribuído às obras de arte. Marx via o controle do tempo, ou, antes, sua otimização por meio do controle do tempo de trabalho, como central para o modo de produção capitalista. O valor é composto pelo tempo de trabalho, o que acaba entrando em contradição com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, uma vez que estas tendem a reduzir o tempo de trabalho e excluir o trabalhador do processo de produção, codificando suas

Marina Vishmidt faleceu em 2024. Para a presente tradução, contamos com a autorização de seu viúvo, o poeta Danny Hayward, a quem agradecemos a generosidade e confiança

habilidades em equipamentos tecnológicos. Mais recentemente, Moishe Postone³ ([1993] 2014) destacou a importância do controle do tempo para o capital enquanto modo de dominação social, observando que, na medida em que a abstração do trabalho como mercadoria é historicamente específica das sociedades capitalistas, em vez de natural e inevitável, o “tempo abstrato” é um processo dessocializado⁴ de que esta abstração de valor necessita para consolidar sua aparência de necessidade social, ou “objetividade-valor”⁵. Todas as nossas atividades nos parecem incrementos de tempo e, seja no passado, no presente ou no futuro, cada atividade já é alocada como métrica pessoal: uma conexão viva com a abstração do dinheiro, experimentada como blocos de tempo quantificado.

Com base nesta breve introdução à inseparabilidade entre tempo e produção na acumulação capitalista, podemos começar a ver que o tempo capitalista aparece não apenas como uma medida de produtividade, mas também como um produto, ostentando o duplo caráter de ser tanto uma mercadoria quanto uma medida de produção de mercadorias, tal qual abreviado no ditado “tempo é dinheiro”.

2. [Acumulando Futuros]

O tempo deve, então, ser padronizado e tornado formalmente equivalente, facilmente divisível em todas as escalas. A partir da intuição informe que, para Kant, possibilita toda a percepção e cognição humanas, a formatação do tempo pela objetividade-valor garante a “forma vazia e homogênea do tempo”⁶ que tanto horrorizou Walter Benjamin (2007) enquanto fetiche característico da modernidade.⁷

3 N.T. Pesquisador e professor de história na Universidade de Chicago, falecido em 2018. Autor de *Time, Labor, and Social Domination: A Reinterpretation of Marx's Critical Theory* (1993), publicado no Brasil sob o título *Tempo, trabalho e dominação social: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx* (2014).

4 N.T.: No campo do marxismo, o termo “dessocializado” pode ser entendido como resultado do processo de alienação capitalista, no qual o sujeito é separado do produto de seu trabalho e laços sociais são perdidos.

5 N.T.: Pode encontrar tais reflexões de Immanuel Kant em *Crítica da razão pura* (2015).

6 N.T.: O referido texto de Walter Benjamin, “Teses sobre o conceito de história”, pode ser encontrado na edição brasileira de suas obras intitulada *Magia e técnica, arte e política* (1996).

7 N.T.: Mark Fisher, conhecido escritor e filósofo marxista do Departamento de Cultura Visual em Goldsmiths, Universidade de Londres. No Brasil, suas obras são publicadas pela editora Autonomia Literária, entre as quais se encontra *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* (2020).

Assim, o tempo histórico também está sujeito à lógica da acumulação, dos descontos e da mais-valia.

Por outro lado, a teoria política recente analisa o tempo como recurso que possui carga afetiva, já que está posicionado em um futuro ameaçado, um “por vir” que talvez nunca chegue. Essa leitura implica um futuro que não é tanto uma progressão quantitativa em um tempo neutro, mas uma mudança qualitativa, em que o futuro deve ser diferente, e mesmo melhor do que o hoje. Ouvimos falar da futuridade como algo roubado, sujeito a um “lento cancelamento” (Fisher, 2014)⁸, paralisado (Rosa, 2013)⁹, retirado ou mesmo submetido a um presente abalado pela crise. Se as especulações sobre o futuro podem ser vistas como uma expressão do excedente da imaginação social do presente, então parece que esse excedente se esgotou. Da bioengenharia à biomimética, parecemos reféns de uma visão distópica do futuro como gerenciamento de desastres, resignado à impossibilidade de qualquer desvio das tendências destrutivas do presente, em óbvia continuidade com este presente impossível: um horizonte de possibilidades dependente de intervenções tecnológicas. Dado que esse tipo de orientação para o futuro está imanentemente conectado a uma dissociação afirmativa¹⁰ do que o presente se tornou, ele também sugere a evacuação de qualquer possibilidade de práxis histórica emancipatória nesse presente. Paradoxalmente, porém, essa tentativa de viver no futuro abandonando o presente só pode projetar futuros que reproduzem o presente — caracterizados por tendências exponenciais de desigualdade, aceleração tecnológica e caos social e climático.

As visões dominantes sobre a futuridade, portanto, abandonam a esperança no presente, postulando um futuro distópico, uma vez que este é uma continuação do presente. Qualquer crítica material a tal futurismo terá, assim, que dismantelar não apenas a violência de seus determinismos tecnosociais (como sempre teve que

⁸ N.T.: O trabalho de Hartmut Rosa a que Marina Vishmidt faz referência aqui encontra-se traduzido no Brasil. Trata-se de *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade* (2019).

⁹ N.T.: No original, “*affirmative dissociation*”. O conceito remete ao trabalho de Roswitha Scholz, autora para quem o capitalismo não se baseia apenas no valor (forma-mercadoria) e no trabalho abstrato, mas no fato de que existe um valor baseado na “dissociação” fundamental de atividades, características e pessoas que não se encaixam na lógica do mercado (historicamente associadas ao feminino). Para saber mais sobre o ver, por exemplo, o trabalho de Jéssica Cristina Luz Menegalli, “Teoria da dissociação-valor: análise da mercadoria e hierarquia sexual” (2017).

¹⁰ N.T.: O medo do futuro é celeiro do fascismo. Sobre esse assunto, recomenda-se a leitura de *Fascismo: definição e história*, de Luce Fabri (2019).

fazer), mas também a violência do futuro como álibi para a imutabilidade do presente — um arco infinito de acumulação e desperdício. Tal estupefação diante de um sublime temporal coincide com uma turva sensação de catástrofe ecológica e abandono social, que se combinam de forma pungente no discurso antirreciclagem do neofascismo ressentido branco (“não seremos substituídos”).

Na verdade, existem vários fenômenos sociais e políticos contemporâneos que podem ser e são interpretados como indicadores de um medo do futuro. Muitas análises de veículos de mídia mais progressistas e mesmo de esquerda sobre a tração das tendências populistas de direita nos últimos anos (para não mencionar as análises ideologicamente mais grosseiras do populismo de esquerda do referendo grego em 2015, ou as erupções políticas dos Indignados, de Bernie Sanders ou Jeremy Corbyn, por exemplo) diagnosticam massas perplexas que anseiam pelo retorno ao seguro e simples. Segundo os manipuladores tradicionais da paranoia popular, o Partido Conservador do Reino Unido (antes de perder esse posto), esse seria o tempo “forte e estável” do passado, quando as coisas, de modo geral, pareciam estar melhorando em vez de se encontrarem numa espiral expressamente descendente. As elites vencem quando suas manobras políticas arriscadas, incompetentes e voltadas à concentração de poder semeiam o caos que elas mesmas, então, se apresentam para resolver (com mais do mesmo): a estratégia tradicional que inclui tanto o crime organizado quanto o seu corolário cada vez mais familiar, o Estado-nação.

Sob tal perspectiva, o medo do futuro gera conservadorismo, especialmente quando o futuro se parece com o presente, mas com um filtro extra de zona de guerra. A ortodoxia jornalística sustenta essa estratégia, que parece ter sucesso com grupos confusos e desempoderados que buscam proteção. Ou, como pode ser deduzido da experiência histórica e atual, com aqueles que atualmente são relativamente empoderados, mas se sentem precários, com sua vantagem sistêmica ameaçada por “outros” em potencial (migrantes, minorias, elites, organizações supranacionais) e, muitas vezes, em um contexto no qual a política opera em um vácuo composto por um senso comum neoliberal fossilizado e pela ausência de alternativas que pareçam realistas (que seriam realistas exclusivamente nos termos desse senso comum). Nesses termos, o medo do futuro é também um medo de perder o presente, de perder o que se tem. O fenômeno do populismo se apresenta, então, principalmente como um desejo centrado no futuro — seja para impedir o futuro ou para encontrar os

culpados por roubar o “nosso” futuro. Essa questão em torno da posse de uma visão do futuro está no cerne dos discursos orientados para o futuro que invoco no restante deste ensaio.¹¹

Muitos desses discursos aconselham a aceitação da incerteza diante das certezas imutáveis do poder capitalista e dos modos autoritários de política. Esse foi, em certa medida, o caso da “futurologia”, que despontou no final da década de 1960, embora a exuberância daqueles tempos aquarianos tenha conseguido injetar certo ceticismo quanto à durabilidade da “civilização industrial” nas epistemes estabelecidas de uma forma muito mais abrangente do que o niilismo pragmático que desempenha esse papel hoje.

Esse paradoxo epistêmico de uma abertura esperançosa para um futuro já predeterminado em todos os aspectos importantes pelo presente poderia ser analisado a partir das ideias de Steven Shavero (2014) sobre especulação aberta e velada, em que a forma aberta é o pensamento especulativo, que procede de maneira autônoma, e a forma velada é a especulação financeira, que, voltada para atingir um objeto, é quantitativa e acumulativa: um processo especulativo como tempo abstrato, cuja homogeneidade torna seu aspecto “especulativo” trivial. Um tipo de especulação (financeira) gera as condições sociais que tornam impossível fazer o outro tipo de especulação (sociopolítica), desencadeando um ciclo vicioso de medo e esperança. Aqui, novamente, está a ideia do tempo como fonte de acumulação, extraído do presente e reproduzido no futuro. Essa é a estrutura básica de instrumentos financeiros como derivativos, ações e contratos futuros — eles extrapolam o presente e o passado para modelar o futuro com suas premissas. Por outro lado, pode haver uma mudança radical, mas ela também precisará adequar-se aos modelos, ou não será uma opção lucrativa.

Tanto a acumulação quanto a transformação do tempo em mercadoria dependem de que ele seja concebido como uma forma de valor abstrato, não muito diferente da “forma pura e vazia do tempo” discutida por Gilles Deleuze em *Diferença e repetição* (2006), ou das iterações filosóficas já mencionadas acima. “O futuro” surge, assim, como uma categoria já reificada. Não devemos nos surpreender, então,

¹¹ N.T.: A versão utilizada pela autora para o trecho é “*A Contribution to the Critique of Political Economy, Part One*” (1987, p. 263–264). Para esta tradução, retiramos a citação da edição brasileira intitulada *Contribuição à crítica da economia política* (2008).

se esse “futuro” for a característica deste ciclo de marca do capital (objetificado ou humano), evocando a combinação imaterial, mas sedutora, entre cadeias globais de produção e controle personalizado incorporado por dispositivo. O fetichismo¹² consiste em uma desvinculação da realidade, sobretudo do trabalho, o que significa que a realidade se torna reprodutiva em vez de especulativa, forma esta que permitiria a elaboração de futuros possíveis e tangíveis. A onipresença do futuro como presente resiliente pode ser equiparada a ser excluído de ter qualquer papel no futuro. Não poder ter um papel no futuro nada mais é do que ser impedido de ter um papel também no presente, ou seja, de exercer poder social e político. Em resposta a essa situação difícil, é comum que digam que “nós” precisamos recapturar o futuro ou inventá-lo. Porém, uma resposta mais eficaz — que tome o medo do futuro como um afeto generalizado e o inverte — talvez possa ser encontrada na investigação sobre o que, no presente, está bloqueando o futuro.

3. A produção da natureza

Poderíamos nos deter, por exemplo, um pouco sobre o tipo de temporalidade histórica em que inscrevemos o futuro. Marx entende a formação social capitalista, a civilização do mercado global — ainda em expansão e não dominante na época em que ele escrevia —, bem como as formações sociais anteriores a ela, como uma espécie de “pré-história”, de modo que a história, para ele, teria início quando os seres humanos se tornassem capazes de planejar consciente e coletivamente suas vidas sociais e produtivas e de encontrar a emancipação das necessidades impostas pela sociedade de classes. Em 1859, ele observa no “Prefácio à Contribuição à crítica da economia política”:

As relações de produção burguesas são a última forma antagônica do processo de produção social, antagônica não no sentido de um antagonismo individual, mas de um antagonismo que nasce das condições de existência sociais dos indivíduos; as forças produtivas que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa criam, ao mesmo tempo, as condições materiais para

¹² N.T: Marina se posiciona em um arcabouço crítico marxista europeu. Contudo, esse trecho pode ser lido e complementado com as ideias de Antônio Bispo dos Santos, como as citadas no edital do dossiê: “Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las. Por exemplo, se o inimigo adora dizer desenvolvimento, nós vamos dizer que o desenvolvimento desconecta, que o desenvolvimento é uma variante da cosmofofia. Vamos dizer que a cosmofofia é um vírus pandêmico e botar para ferrar com a palavra desenvolvimento. Porque a palavra boa é envolvimento” (Bispo, 2023, p. 3; p. 27).

resolver esse antagonismo. Com essa formação social termina, pois, a pré-história da sociedade humana (Marx, 2008, p. 48).¹³

Se é possível questionar o determinismo histórico operante nessa ideia, a qual não está presente em toda a obra de Marx, a noção de história em questão, no entanto, é algo que vale a pena explorar um pouco mais. Aqui, vemos a história como uma meta, como algo ainda não alcançado. A história é algo que é construído, não apenas interpretado; ela deve ser moldada ativamente, em consonância com a décima primeira tese sobre Feuerbach, em que se lê: “os filósofos apenas *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (Marx & Engels, 2007, p. 535).¹⁴

Assim, segundo Marx, saberemos que a história começou quando os seres humanos detiverem algum nível de controle sobre suas condições sociais; aí, toda a noção de humanidade estará já redefinida na prática, de modo que a branquitude, a masculinidade e a colonialidade que a definiram não terão sido gradualmente redistribuídas, mas erradicadas.¹⁵ Parte desse movimento exige abordar termos como *o humano*, mas também *o corpo* e *a matéria* como abstrações — como “simples abstrações” que só podem ser compreendidas em seus contextos históricos e sociais específicos, produzidas por razões particulares e implementadas de acordo com agendas específicas.

No materialismo histórico, a ideia de passar do abstrato ao concreto significa o seguinte: começa-se com uma abstração — como “população”, no exemplo de Marx, ou com algum dos termos listados acima — e então se investiga como essa

¹³ N.A.: Essa compreensão metabólica da relação entre humanidade e natureza, o social e o ambiental, é onde a crítica da economia política começa a cruzar com a ecologia política e também a antecipar epistemologias posteriores bastante diferentes, como a teoria dos sistemas e a cibernética. É evidente que há histórias divergentes e mediações em jogo aqui, as quais precisariam ser desenvolvidas cuidadosamente para se chegar a um quadro mais completo do que o da história padrão da cibernética da Guerra Fria, descendo em linha direta para a “ideologia californiana” e o Vale do Silício.

¹⁴ N.T.: Tradução nossa para o trecho: “Among Nature/Society dualism’s essential features is the tendency to circumscribe truth-claims by drawing hard-and-fast lines between what is Social and what is Natural. Here is a rift: an epistemic rift” (Moore, 2016, n/p). Todas as citações cujo original é indicado em notas de rodapé foram traduzidas por nós, por se tratarem de obras que não possuem edições brasileiras.

¹⁵ N.T.: O Whole Earth (ou Toda a Terra, em tradução livre) foi um projeto editorial criado em 1968 por Stewart Brand, que articulou contracultura, ecologia e tecnologia. Seu eixo foi o Whole Earth Catalog, que difundia ferramentas e saberes em prol da autossuficiência sob o lema “access to tools” [acesso às ferramentas]. A iniciativa aproximou imaginários ecológicos e informacionais, influenciando fortemente o ambientalismo e a cultura digital. Para mais detalhes, pode consultar From counterculture to cyberculture: Stewart Brand, the Whole Earth Network, and the rise of digital utopianism (2006), de Fred Turner.

abstração é produzida — epistemologicamente, politicamente, historicamente —, até que se chegue a um mapeamento complexo e concreto de circunstâncias, contradições, economias libidinais, relações de produção, hierarquias sociais, etc., o que, por óbvio, também inclui e implica o pesquisador e o modo de investigação. É importante ressaltar que essa investigação é aberta, ou seja, nunca termina, o que dá no mesmo.

Tendo isso em vista, podemos chegar à noção crítica de “abstração real” ou “abstração social”, isto é, as abstrações vividas a partir do capital (dinheiro, valor, mercadoria, troca — mas também raça, gênero, sexualidade). Contrariamente a algumas formulações de um certo “novo materialismo”, a política da abstração não consiste em propor uma abstração em contraposição a outra — ou seja, o lado negligenciado de um dualismo como forma de superação do outro lado, até então epistemicamente privilegiado —, mas em procurar compreender a não identidade definidora e a materialidade das abstrações, o modo como as abstrações produzem e anulam diferenças.

Aqui, eu voltaria a outro conceito marxista, o do “ser-espécie”,¹⁶ que significa basicamente que não há nada que caracterize uma natureza essencial do ser humano, a não ser sua capacidade de mudar e ser mudado. Como já se destacou, a figura do ciborgue¹⁷ de Donna Haraway não é alheia a essa noção de ser-espécie.¹⁸ Não há nada de natural em qualquer corpo humano historicamente contingente, e os corpos que nunca foram considerados totalmente humanos — os feminizados, os

¹⁶ N.T.: Aqui a autora se refere ao anarcocapitalismo, uma tendência de extrema-direita muito comum nos campos de ação virtual e nas redes sociais. Esses grupos se utilizam da misoginia e xenofobia para propagar suas ações. É importante mencionar que o termo “libertário” é uma construção social do século XIX, que defendia a liberdade individual máxima e a rejeição ao controle estatal. Nasce do seio do anarquismo, uma corrente política de esquerda, e depois passa a se relacionar com tendências socialistas libertárias. A Comuna de Paris e a Revolução Mexicana tiveram influência desse ideário, por exemplo. O correto ao se referir aos Anarcocapitalistas (ANCAP), termo que não se relaciona epistemologicamente com qualquer construção libertária de esquerda, seria mais bem resolvido como “libertarianismo” (ou “liberismo”) de direita, focado no mercado e na propriedade privada. Contudo, sabe-se que a autora parte de um arcabouço teórico anglófono no qual o termo “libertário”, desde os anos 1960, passou a apropriado indevidamente pela extrema-direita e pelo que hoje se denomina ANCAP. São apoiadores de Donald Trump nos Estados Unidos e de Javier Milei na Argentina, por exemplo.

¹⁷ N.A.: Em outras palavras, o modernismo *kitsch* do interior contemporâneo universal.

¹⁸ N.T.: David A. Banks é professor no Departamento de Geografia e Planejamento da University at Albany-SUNY e diretor do programa de Estudos sobre Globalização (*Globalization Studies*). É autor, entre outros, do livro *The City Authentic: How the Attention Economy Builds America* (2023), ainda sem tradução no Brasil, e publica regularmente em veículos como *The Guardian*, *The Baffler* e *e-flux architecture*. Mais em: <https://davidabanks.online/>

racializados, os queer — são os que têm menos a ganhar com qualquer uma dessas naturalizações e normalizações. Michel Foucault é, sem dúvida, um dos principais expoentes desse tipo de investigação, e baseou-se em Georges Canguilhem para elaborar seu método da história, a genealogia das epistemes, ou formas de construir o senso comum como ferramenta científica.¹⁹ Isso também se alinha ao imperativo spinoziano (e mais tarde deleuziano) de perceber que “ainda não sabemos o que um corpo pode fazer”. Para que “o corpo” tem sido usado, para que está sendo usado agora? Como ele pode ser usado de outra forma? E ele precisa mesmo ser um corpo?

Essa noção do histórico como uma relação coletivamente planejada com as condições de existência é ainda caracterizada pela mudança, pela autorreflexividade. O ser humano é parte da natureza e molda a natureza como parte de sua atividade histórica, sendo também moldado por ela, embora a gramática imponha uma dualidade entre essas duas coisas. Esse é o sentido da interação com a natureza enquanto mudança constante e reflexiva, enquanto metabolismo²⁰. O modo de produção capitalista pode ser visto como causador de uma ruptura nesse metabolismo, resultando na crise ecológica e social que estamos vivendo, uma crise que vem se intensificando em muitas escalas diferentes e não congruentes atualmente. Mais precisamente, poderíamos dizer que tal ruptura deve-se ao modo de produção industrial, uma vez que não foi exclusivamente a modernidade capitalista que produziu esses fenômenos, ainda que o capitalismo tenha sido o fator mais influente para as economias que, na escala planetária criada pela modernidade, expandiram e destruíram a vida de forma diferenciada. O ecólogo de sistemas Jason Moore, no entanto, critica a ideia da “ruptura metabólica” porque ela tende a reproduzir a divisão entre natureza e sociedade, em vez de ver a natureza *na* sociedade:

¹⁹ N.T.: Tradução nossa para o trecho: “*The engineers’ worldview and the fiction that is created as a critique to engineers’ creations forms an Ouroboros of destruction in the name of engineers’ own job security. Engineers’ work begets fiction, begets new engineering projects, begets fiction again, which in turn begets position papers about the possibility of it all going wrong. Each step requires additional funding, that cannot wait because the latest threat is already overdue. Charlie Brooker makes a Black Mirror episode about it, and then another engineer reads dystopia as a new product idea and so on. The engineers are still operating the siege engines, but they are also the ones building things back up, all the while warning us of the new siege engines they’re building*” (Banks, 2018, n/p).

²⁰ N.T: Há uma importante produção feminista latino-americana acerca da resistência diante dos avanços da ultradireita. Fabiana Faleiros e Fernanda Grigolin (2026), por exemplo, citam Rita Segato para alertar para o modo como as redes sociais ampliam a misoginia, bem como para a “pedagogia da crueldade” de grupos como Red Pills, que atacam corpos dissidentes.

Entre as características essenciais do dualismo Natureza/Sociedade está a tendência a circunscrever as alegações de verdade traçando linhas rígidas entre o que é Social e o que é Natural. *Aqui* está uma ruptura: uma ruptura epistêmica (Moore, 2016, n/p).²¹

Ele prefere o termo “mudança metabólica”, devido à sua capacidade de sinalizar uma dimensão sociohistórica para a separação, em vez de uma lacuna necessária entre uma natureza monolítica e uma cultura humana igualmente compacta, uma problemática que simplesmente reformula, sem minar diretamente, a narrativa do Antropoceno.

Essa abordagem materialista da ecologia implica um pensamento sistêmico, que parece indispensável para um pensamento ecológico, dado que se preocupa com escalas e com as relações inter e entre elas. Aqui podemos pensar em antropólogos, biólogos e teóricos da informação dos anos 1960 e 1970 até os dias de hoje, começando com Gregory Bateson ou Humberto Maturana e Francisco Varela, que estudaram a relação reflexiva de qualquer organismo com seu ambiente, passando pelas ideias em torno do enxame e da emergência nos anos 1990 e início dos anos 2000, e chegando às infundáveis variantes dos “ambientes inteligentes” na atualidade.

A abordagem sistêmica de Moore demonstra que a ecologia não precisa ser refém dos motivos conservadores e naturalizantes da maioria das teorias sociais que dão uma interpretação naturalista ao social — de Darwin à Whole Earth²². A concepção marxista da totalidade também precisa incluir a produção da natureza: não uma natureza atemporal que pode ser tecnologicamente corrigida, da mesma forma que um social naturalizado (“vamos corrigir a pobreza!”), mas uma natureza inconcebível fora do processo social no tempo histórico. E é precisamente por meio dessa historicização da natureza que as várias naturalizações dúbias do social nos debates temporais que se enquadram na categoria de “futurismo” devem ser abordadas, dado que muitos deles apelam para a natureza, seja a natureza humana ou uma “natureza fora de nós” projetada artificialmente.

²¹ N.A.: Julia Carrie Wong, “James Damore sues Google, alleging intolerance of white male conservatives” [“James Damore processa o Google, alegando intolerância contra homens brancos conservadores”], *The Guardian*, 8 de janeiro de 2018.

²² N.T.: O hexayurt é um abrigo de geometria hexagonal, de baixo custo e alta praticidade, que foi amplamente assimilado pela cultura de festivais.

4. Futurismos de esquerda e de direita: a ideia de resiliência

Aqui chegamos mais diretamente ao futuro como uma questão de relações de propriedade. É onde encontramos uma ampla gama de futurismos, de direita e de esquerda, na mídia e no cenário político, ao menos neste lado ocidental do capital global. O que eles têm em comum é uma visão acumulativa do futuro.

As visões “de direita” — e cada vez mais neorreacionárias e neofascistas — do futuro são articuladas em sua forma mais influente em posições ciberlibertárias²³ que reelaboram dogmas modernistas vis, como o racismo e a eugenia, por trás da cortina semiopaca de um discurso de engenharia. Aí, a conexão íntima entre estética e quantificação torna-se aparente. Intuitivamente, a estética do digital muitas vezes aparece como o tecnossublime, seja em visualizações de dados, seja na Sophia, a robô diplomata, ou nos hectares de contêineres discutidos por teóricos da estética como Jacques Rancière. No entanto, esse impulso estético não é apenas aquele com o qual nos familiarizou a teoria estética modernista e pós-modernista, ou seja, o impulso de ser excedido ou extrapolado como sujeito. Há também um impulso estético mais clássico, ou classicista, de controle, adequação e funcionalidade.²⁴ Essa propensão, que não é nova, pelo menos para os anais da reação modernista, foi definida recentemente por alguns como uma ligação entre engenharia e autoritarismo, ou, no mínimo, como um foco exacerbado no gerenciamento de pessoas e coisas, ou de pessoas como coisas. Além de observar a sobrerepresentação de engenheiros em movimentos históricos de direita, David A. Banks²⁵ também destaca o quanto nosso ambiente tecnossocial é resultado da apropriação literal, e não crítica, da cultura popular pela engenharia, especialmente de tipos distópicos:

A visão de mundo dos engenheiros e a ficção criada como crítica às suas criações formam um Ouroboros de destruição em nome da segurança laboral dos próprios engenheiros. O trabalho dos engenheiros gera ficção, que gera novos projetos de engenharia, que gera ficção novamente, que por sua vez gera artigos e mais artigos sobre a possibilidade de tudo dar errado. Cada etapa requer financiamento adicional, que não pode esperar porque a última ameaça já bate à porta. Charlie Brooker faz um episódio de *Black Mirror*

²³ N.T.: Diversos artistas brasileiros, latino-americanos, africanos e afrodiáspóricos trabalham em uma perspectiva de contranarrativa. A Bienal de São Paulo de 2025, por exemplo, reuniu muitos deles em seu espaço.

²⁴ N.A.: Ver Marina Vishmidt, “*Mimesis of the Hardened and Alienated*”: *Social Practice as Business Model*” [“Mimesis do endurecido e alienado: a prática social como modelo de negócios”] (2013).

²⁵ N.A.: Ver Evan Calder Williams, “*Volcano, Waiting*” (n/d). N.T.: Mais sobre a obra em: https://www.fkawdw.nl/nl/review/sediments/volcano_waiting.

sobre isso, outro engenheiro lê essa distopia como uma nova ideia de produto e assim por diante. Os engenheiros continuam operando as máquinas de guerra, ao mesmo tempo que também são eles que reconstroem as coisas, enquanto nos alertam sobre as novas máquinas de guerra que estão construindo (Banks, 2018, n/p).²⁶

Em termos mais ideológicos, convenhamos que não é preciso repetir que as perspectivas ciberlibertárias e baseadas no pensamento de Ayn Rand²⁷ capturaram os discursos transhumanistas no gráfico social, situando-se objetivamente no espectro conservador, tão certamente quanto Peter Thiel se situa no círculo interno da Casa Branca de Donald Trump ou Nick Land²⁸ se encaixa nas aspirações *edgelords*²⁹ de vigaristas da teoria da arte e da academia. Essas são visões do futuro que o localizam tanto como uma extensão das tendências atuais — entre as quais a quantificação e a conexão de tudo na rede — quanto como uma nostalgia por tempos passados — da modernidade colonial ao feudalismo de *Dungeons & Dragons*³⁰ —, que fornecerá a infraestrutura de serviços para essa visão meritocrática. Isso pode sugerir que tais orientações são marcadas por uma noção puramente formal e ideológica da sociedade, noção que domina muitos dos imaginários públicos da tecnociência, tanto da parte de seus produtores quanto de seus consumidores. Também podemos notar a saliência da estética no discurso de extrema-direita, racista

²⁶ N.A.: Ver *Black swan: the impact of the highly improbable* [Cisne negro: o impacto do altamente improvável] (2007), de Nassim Nicholas Taleb. O analista quantitativo e teórico especulativo-realista Elie Ayache fez um trocadilho com este título em seu livro *The blank swan: the end of probability* [O cisne branco: o fim da probabilidade] (2010).

²⁷ N.T.: Em *O Capital* (1996), Karl Marx define o “fetichismo da mercadoria” como fenômeno em que relações sociais são vistas como relações entre coisas. Desvinculado do produto de seu trabalho – o qual é apropriado pelo capitalista e vendido como mercadoria em um mercado –, o trabalhador é ele também mercadoria à venda, e o valor monetário das mercadorias que o cercam adquire caráter místico, *fetichizado*, já não vinculado a seu valor de uso.

²⁸ N.T.: Para Haraway, o ciborgue é figura teórica e política utilizada para desconstruir divisões binárias rígidas que estruturam o pensamento ocidental. Desafia dicotomias como: Natureza e Cultura; Humano e Animal; Humano e Máquina. Recomenda-se ler o que a teórica expõe sobre conhecimento situado e a objetividade que não busca a transcendência, mas sim o engajamento com as tecnologias e as práticas de visualização de forma responsável. Nesse sentido, ver, por exemplo, *A Reinvenção da Natureza: Símios, ciborgues e mulheres* (2023) ou *Quando as espécies se encontram* (2022). Para uma interpretação do pensamento de Haraway no campo das Artes Visuais, ver a Tese de Doutorado de Fernanda Grigolin Moraes, “Sou Aquela Mulher do Canto Esquerdo do Quadro: a história das mulheres anarquistas como narrativa encarnada” (2020).

²⁹ N.T.: Termo importante para o pensamento de Donna Haraway, que explora a alteridade significativa, a coevolução e como humanos compartilham a Terra com seres não humanos, desconstruindo divisões homem/animal e natureza/cultura. Da autora, ver, por exemplo, *O Manifesto das Espécies Companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa* (2021).

³⁰ N.T.: O termo empregado em inglês pela autora é “*Species-being*”; do alemão, “*Gattungswesen*”.

e misógino³¹ — trata-se sempre de uma desorientação visceral causada por um corpo ou conjunto de corpos repugnantes que precisam ser eliminados. A quantificação, então, é simplesmente a camada infraestrutural que atesta a objetividade dessas reações viscerais, como no perfil algorítmico e no policiamento digital. Enquanto isso, o pobre James Damore³² acreditava ser um conservador oprimido, parte de um grupo moralmente desfavorecido dentro da Google, ao passo que a empresa se apressava em se distanciar do que ele havia dito, que nada mais era do que o que ela própria praticava, promovia e representava enquanto entidade corporativa, desenvolvedora e infraestrutura no mundo.³³

A versão nominalmente “de esquerda” disso, que não raro pode ser encontrada aderindo a princípios libertários e tecnocráticos semelhantes aos da “direita”, é frequentemente apresentada em termos de “altruísmo eficaz”, como no caso de figuras como o “guru da resiliência global”, Vinay Gupta, um engenheiro de software e especialista em planejamento que trabalhou para o governo dos Estados Unidos prototipando cidades de tendas para a maioria da humanidade no futuro próximo e é propenso a dizer coisas como: “Corrigir problemas alterando a base tecnológica e as opções de compra disponíveis ao público parece ser uma maneira relativamente simples de avançarmos, mas a mudança política em todas essas questões é basicamente um beco sem saída”, ou então: “E se o objetivo não for nivelar o jogo entre vencedores e perdedores, mas tornar a vida o melhor possível para os perdedores?” Nos últimos anos, Gupta deixou de prestar consultoria em ajuda humanitária para a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e agora é gerente de projetos de estratégia e comunicações na Ethereum, uma plataforma de contratos inteligentes, além de conhecido pesquisador de criptomoedas. Infelizmente, sua maior invenção para ajuda humanitária em

³¹ N.T.: A versão utilizada pela autora para o trecho citado é “*Theses on Feuerbach*” (1976). Para a tradução, utilizamos a edição brasileira de *A ideologia alemã* (2007), de Karl Marx e Friedrich Engels.

³² N.T.: Georges Canguilhem foi orientador de doutorado de Michel Foucault, que o referenciou ao longo de toda a sua trajetória. As ideias mencionadas por Marina Vishmidt podem ser encontradas notadamente em *História da loucura* ([1961] 2019).

³³ N.T.: Jogo de RPG (Role-Playing Game) criado por Gary Gygax e Dave Arneson e lançado em 1974. Suas narrativas de fantasia, que envolvem cenários medievais europeus, com magos e guerreiros, entre outros personagens possíveis, inspirou roteiros de vídeo-games, livros, filmes e desenhos animados, como o famoso *Caverna do Dragão*.

situações de desastre, o hexayurt³⁴, uma estrutura dobrável em formato de caixa que gera menos resíduos do que uma cúpula geodésica, não foi amplamente adotada pelas ONGs.

Aqui, temos um consenso sobre o futuro como gerenciamento de desastres — a questão é como o desastre será distribuído. Resiliência, nesse caso, é um sinônimo para se acostumar com o fato de que as coisas ficarão muito piores, e que qualquer tentativa coletiva de melhorá-las se transformará em um verdadeiro pesadelo, de modo que a tecnologia talvez seja nossa última esperança para tornar as coisas um pouco mais suportáveis. É assim que podemos descrever o futurismo atual em poucas palavras. Esses futuros especulativos podem ser melhor denominados “futuros reacionários” — sendo “reacionário” um neologismo que captura tanto a tendência política de direita quanto o fato de que seu imaginário se funda basicamente na reação a parâmetros atualmente estabelecidos, e nunca na proposição, ou mesmo na ficcionalização, de qualquer outra coisa — o que, é claro, exigiria um tipo de imaginação política para além da tecnolibertária.

5. Para a arte

Como essa análise poderia refletir sobre possíveis orientações para a arte na atualidade? Pode-se observar que a noção modernista da arte como espaço de futuros especulativos, desconhecidos e ainda incipientes têm se voltado, ou melhor, se misturado à especulação afirmativa agora oferecida aos “criativos” em geral. Não é preciso dizer que o conteúdo, crítico ou não, é secundário nessa análise. O que está em questão aqui são as relações sociais de produção e mediação da arte. Uma operação crítica desse tipo, no entanto, deve tomar o cuidado de não posicionar seu objeto de análise de modo a disputar uma fatia do mercado de ideias, em vez de buscar adequação explicativa. Em outras palavras, não é necessário priorizar a arte.

³⁴ N.T.: James Damore foi engenheiro de software da Google. O comentário da autora retoma o episódio, ocorrido em 2017, em que um manifesto de teor altamente misógino, escrito pelo engenheiro, foi vazado na internet. Na ocasião, a Google demitiu Damore, procurando distanciar-se de seus posicionamentos, que defendiam uma inferioridade biológica das mulheres como justificativa para sua ausência em postos de comando na área de tecnologia.

Isso evita que a arte seja vista como motor, e não como sintoma, do “tornar-se especulativo” do sujeito e das economias sociais, simbólicas e “reais” na era atual.³⁵

Lições do porquê não fazer isso podem ser facilmente encontradas em várias abordagens críticas sobre o setor financeiro publicadas (não apenas) desde a grande crise financeira, especialmente nas que postulam o setor financeiro como modelo ontológico para a compreensão da arte contemporânea. O que observamos quando adotamos uma abordagem mais estrutural são diversas mudanças na relação fetichizada que a arte representou entre autonomia e heteronomia, enquanto existiu como variável “independente” na modernidade global — um novo nexo entre automação e hiperindividualização, talvez.

Enquanto a arte (em forma, conteúdo e plataforma) negocia com as subjetividades sua auto-otimização e a quantificação para lançar futuros desconhecidos, tanto como modelos estéticos estimulantes quanto como mercadorias em um mercado, o domínio regressivo da autoria, da originalidade e da genialidade permanece entronizado como a gramática que faz a identidade da marca nesse espaço cultural. Isso evoca a oscilação entre especulação aberta e velada delineada por Shaviro. A narração enfática em *Institute for Southern Contemporary Art (ISCA)* (2016),³⁶ de João Enxuto e Erica Love³⁷, captura isso no formato de um vídeo promocional para um novo gênero de instituição de ensino e produção artística totalmente privatizada, cuja vantagem com relação às formas correntes de lidar com a incerteza nos mercados de arte reside no domínio de algoritmos, estendendo a datificação aos processos de produção artística e ao discurso crítico. A narração traz vozes tranquilas e seguras, que falam de profissionais de ponta em residência artística alimentando algoritmos com dados de suas exposições, depois de exibir imagens exuberantes do esqueleto dourado de mamute, de Damien Hirst, em uma vitrine à beira-mar em Miami (*Gone but not Forgotten*, 2014).

Comédias apocalípticas assim cintilam fracamente no horizonte, e apenas para acólitos do excepcionalismo dos dados no campo da arte, como Simon Denny ou Daniel Keller, com seus dramas esquemáticos de superidentificação, para não

³⁵ N.T. : João Enxuto e Erica Love são um duo artístico cujos trabalhos focam majoritariamente no atravessamento da tecnologia e da política nas instituições de arte. Mais sobre o coletivo em: <https://theoriginalcopy.net>.

³⁶ N.T.: O vídeo pode ser encontrado em: <https://vimeo.com/164190002>.

³⁷ N.T.: Mountain View é uma cidade da Califórnia, situada no Vale do Silício.

mencionar projetos artísticos bem mais tradicionais de muitos que foram designados ou abraçaram a designação de “pós-internet”. Do ponto de vista institucional, há diversos administradores, comentadores e produtores de arte que abraçam a mentalidade do capital de risco, na medida em que ela se cruza — ainda que de modo tênue — com uma predisposição mais ativista a imaginar uma utopia de jogos estratégicos especulativos como o tipo de projeção de futuro que a arte estaria singularmente apta a realizar.³⁸

O que passa por especulação futurista nos altos escalões das instituições de arte pode parecer pouco diferente do que se vê no Departamento de Estado dos Estados Unidos ou de Mountain View³⁹. Projetos desenvolvidos nos últimos anos podem ser citados aqui, muitos dos quais sujeitos a uma taxa de queima (*burn rate*) semelhante à de outras startups, como o Ázone Futures Market, no Guggenheim, em Nova York, ou o projeto unMonastery, promovido pelo tecnólogo-chefe da Serpentine Gallery. Ambos atingiram o auge por volta de 2015. Isso não quer dizer que a mistificação do indivíduo criativo e proteiforme e a fungibilidade anunciada pela tecnologia mais recente sejam uma grande novidade histórica. Esse conhecimento está incorporado à cultura popular há bastante tempo, dado que, em muitos aspectos, essa conjunção já era abordada, se não esgotada, no capítulo sobre a indústria cultural da *Dialética do esclarecimento* ([1944] 2006), de Theodor Adorno e Max Horkheimer, com seus potenciais contraditórios delineados em outros trabalhos por Walter Benjamin.

A historiadora da tecnologia Orit Halpern escreveu recentemente, de forma bastante incisiva, sobre a “visão de mundo resiliente” e seu humanitarismo niilista, que se baseia na carga estética da beleza natural otimizada. (Adorno diz: “Quanto mais puramente a civilização conserva e transplanta a natureza tanto mais inexoravelmente esta fica dominada” (n/d, p. 106)⁴⁰. Orit Halpern relaciona o

³⁸ N.T.: Tradução nossa para o trecho: “*Resilience has a peculiar logic. It is not about a future that is better, but rather about an ecology that can absorb constant shocks while maintaining its functionality and organization. [...] It is a state of permanent management without ideas of progress, change, or improvement*” (Halpern, 2017, n/p).

³⁹ N.A.: A palestra intitulada “Capitalismo e destruição ecológica” foi proferida na cerimônia do Deutscher Memorial Prize, em janeiro de 1971. Uma transcrição foi publicada em 2017 por *Climate & Capitalism*.

⁴⁰ N.T.: Da mesma forma, o coletivo Midnight Notes, escrevendo em 1979 em “*The Work Energy Crisis and the Apocalypse*” (*Midnight Notes*, vol. 2, n. 1), observa que, para o capitalismo, qualquer crise de rentabilidade parece ser literalmente o fim do mundo e os custos têm de ser pagos por outros (humanos

surgimento da ideologia da resiliência e a disseminação da financeirização ao mesmo momento cultural. É um momento em que se admite que não há como impedir a extração e a acumulação como dinâmica permanente de nossa vida social e orgânica, mas que o sistema pode ser otimizado para resistir aos choques que essa dinâmica continua gerando em escala cada vez maior. Assim, os futuros especulativos, entendidos nesses termos, implicam encontrar maneiras de garantir que o presente continue indefinidamente. Eles também são especulativos, é claro, em termos de financeirização, como podemos ver com o nicho ecológico dos instrumentos financeiros, com seus futuros climáticos e serviços ecossistêmicos. Como observa Halpern:

A resiliência tem uma lógica peculiar. O que está em jogo não é um futuro melhor, mas uma ecologia que pode absorver choques constantes, sem deixar de manter sua funcionalidade e organização. [...] É um estado de gerenciamento permanente, sem ideias de progresso, mudança ou melhora (Halpern, 2017, n/p.). ⁴¹

O futuro é acumulado como um ativo por um grupo restrito — é “sequestrado”, como o carbono —, em vez de ser vivenciado como um tempo histórico sujeito a determinações sociais em grande escala. Halpern observa ainda que:

Está emergindo um novo sentimento de afeto positivo por futuros negativos. [...] A resiliência e a tecnologia criam uma forma de governança infraestrutural preventiva que naturaliza a precariedade, o sacrifício e a violência como um valor econômico necessário, e não como uma opção derivada da política (Halpern, 2017, n/p.). ⁴²

Podemos compreender, então, que a resiliência implica a realocação ou o deslocamento dos custos da natureza barata do capital. (Jason Moore e Raj Patel (2018) falam dos “quatro baratos”: energia barata, mão de obra barata, matérias-primas baratas e alimentos baratos.) Voltando às noções do humano, podemos

e não humanos) o mais rapidamente possível, o que nos é familiar a partir do princípio econômico dominante da “privatização dos lucros e socialização dos custos”.

⁴¹N.T.: Tradução nossa para o trecho em inglês: “[Marx] already fully realized then that a radical restructuring of the prevailing mode of human interchange and control is the necessary prerequisite to an effective control over the forces of nature that are brought into motion in a blind and ultimately self-destructive fashion precisely by the prevailing, alienated and reified mode of human interchange and control” (Mézsáros, 2017, n/p).

⁴² N.T.: Tradução nossa a partir da citação em inglês fornecida pela autora: “Contemporary art is a multi-billion-dollar unregulated market with unclear criteria just waiting to be harnessed. And the ISCA algorithm is just the instrument to do it. It isn’t a perfect, deterministic model, but at ISCA, we didn’t get into the art game to just optimize for market performance. The goal of automating contemporary art is to become emancipated from it” (Enxuto & Love, 2016).

acrescentar aqui que essa categoria não pode ser encarada apenas como um problema epistêmico, que pode ser abordado em termos pós-humanos ou transumanos, e que todo o discurso do Antropoceno centraliza problemáticamente o humano, mesmo quando supostamente destaca a natureza “construída” e totalmente social de nossa realidade biofísica atual. A ênfase em uma influência ou destino “humano” indiferenciado em seu impacto sobre o mundo natural se liga diretamente ao discurso da resiliência, na medida em que naturaliza os imperativos da exploração capitalista, da acumulação e da produção de ruínas como a condição humana, algo com que todos precisamos nos acostumar. Como István Mészáros já observou em uma palestra em 1971⁴³ — a última vez que em que tantas crises pareciam convergir no Ocidente —, a preocupação ecológica do capitalismo sempre significa soluções tecnológicas para a continuidade dos negócios, pois não se trata de ajustar os seres humanos à crise climática, mas de continuar ajustando seres humanos às necessidades do capital, o que leva inevitavelmente a crises climáticas e sociais.⁴⁴ Marx, escreve Mészáros:

já havia percebido plenamente que uma reestruturação radical do *modo* predominante de trocas humanas e controle seria o pré-requisito indispensável para um controle eficaz das forças da natureza, que são postas em movimento de forma cega e, em última análise, autodestrutiva, precisamente pelo modo predominante, alienado e reificado de trocas humanas e controle (Mészáros, [1971] 2017, n/p).⁴⁵

Como corolário disso, o desenvolvimento das lógicas algorítmicas atuais e dos mecanismos de lucro e controle é visto como algo que tem um papel positivo justamente para os fenômenos que são exacerbados por esses meios. Em termos de pré e pós-humanidade, um bom exemplo seria o da “resiliência” da autoquantificação diante da degradação ou ausência de um sistema socializado de saúde e cuidados, e, na verdade, esse é o modelo de negócios da maior parte do capitalismo de plataforma: impulsionar e tirar proveito da privatização não apenas dos recursos públicos, mas também do desejo coletivo. O “eu quantificado”, talvez não tão por

⁴³ N.T.: Frederic Jameson foi um importante crítico cultural marxista e professor da Duke University, nos Estados Unidos. Jameson argumenta que a centralidade cultural do presente no capitalismo tardio impede a imaginação política de futuros possíveis. Ver especialmente sua obra *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio* (1997).

⁴⁴ N.T.: A autora retira a citação da edição inglesa de *Minima Moralia* (2005, p 115).

⁴⁵ N.T.: “*Edgelords*” é uma gíria empregada no contexto da internet para designar pessoas que postam conteúdos polêmicos, sombrios ou que são tabus para sua geração, com o objetivo de chocar ou provocar.

acaso, também lembra a estrutura ideológica da eugenia — a perfeição do indivíduo por meio de tecnologias (seja ciência racial, relógios Apple ou bens imobiliários) —, criando uma atmosfera na qual a morte planejada daqueles que tiveram os meios de vida deliberadamente removidos se torna não apenas normalizada, mas ética. A isso podemos chamar de “necropolítica do Vale do Silício”.

Em resposta a esses dilemas de estagnação futurística, muitas vezes circula a diretriz de que “nós” precisamos recapturar o futuro ou inventá-lo. Contudo, como mencionei na Introdução a este artigo, uma resposta mais eficaz, que tome o medo do futuro como um afeto geral e o inverta, talvez possa ser encontrada na busca pelo que, no presente, está bloqueando o futuro. Uma maneira evidente de bloquear o futuro é gerar futuros em abundância, futuros meramente quantitativos, que afirmam o *status quo* como extensão do presente e substituam conscientemente a mudança qualitativa pela quantitativa. A maior fantasia a respeito do futuro, a da dominação da inteligência artificial, nada mais é do que a fantasia de atingir um ponto de inflexão qualitativo por meios quantitativos. Quanto à questão de o que, no presente, bloqueia tanto o surgimento de um futuro quanto uma compreensão do que ele seja, Evan Calder Williams (n/d) observa que, em vez de sermos levados pela crítica a imaginar um futuro, precisamos localizar nós mesmos os limites impostos à nossa imaginação — já que os futuros que podemos imaginar são apenas os futuros que nossa imaginação bloqueada é capaz de imaginar, e a crítica é igualmente restrita.⁴⁶ O exemplo que ele dá aqui é o racismo; outro é a dívida, que gera um ciclo vicioso de tempo; outros, ainda, são a crise climática e a guerra civil. Todos eles são resquícios opressivos do passado que operam no presente — o que não significa que não continuem a crescer, ou mesmo a persistir, nesse presente — e bloqueiam o futuro. O futuro não pode ser operacionalizado por meio deles; eles o bloqueiam, e o fazem por completo.

Para isso, temos que voltar ao medo do futuro — quem tem medo do futuro? Os futurólogos temem o futuro. Os sistemas financeiros temem o futuro. A arte teme o futuro, com sua negatividade especulativa transformada em déficit, em vez de ativo, estabilizada por racionalidades algorítmicas capazes de torná-la neutra em termos de

⁴⁶ N.T.: Ayn Rand foi uma escritora e filósofa russo-americana, que formulou o objetivismo, defendendo o individualismo radical e o capitalismo *laissez-faire*. Exerceu grande influência nos discursos liberais.

risco num mercado “sem futuro”. Como reflete amigavelmente a narração do filme de Enxuto e Love (2016):

A arte contemporânea é um mercado não regulamentado de bilhões de dólares, com critérios pouco claros, que aguarda para ser explorado. E o algoritmo ISCA é exatamente o instrumento para isso. Não é um modelo perfeito e determinístico, mas na ISCA nós não entramos no jogo da arte apenas para otimizar o desempenho do mercado. O objetivo de automatizar a arte contemporânea é emancipar-se dela.⁴⁷

A reviravolta engenhosa presente na ideia de uma “emancipação” da arte contemporânea por meio da tecnologia faz emergir uma ambiguidade entre futuros aceleracionistas e críticos — ou talvez a mobilização dos primeiros para alcançar os últimos.

Quem acumula o futuro tem pavor de que os tempos saiam de controle, teme os cisnes brancos do antagonismo (anti)social.⁴⁸ Assim, talvez se possa propor que pensar sobre o futuro diga respeito, sobretudo, a sobre como mudar as circunstâncias do presente para que os futuros se tornem possíveis e pensáveis. Aí, então, talvez o futuro apareça não tanto como um tempo ou um estado, mas como uma dinâmica de separação (violenta). Como afirma Evan Calder Williams:

nada marca claramente uma passagem *para* o futuro sem desfazer as formas que ligam vidas, materiais e sistemas, de maneiras variáveis e punitivas, para um modo de tempo projetado em torno da continuidade do presente. [...] Por *futuro*, podemos muito bem entender justamente essa sensação de nos desvencilharmos do presente (Williams, n/d, n/p).⁴⁹

⁴⁷ N.T.: Nick Land é um pensador britânico associado ao aceleracionismo e aos discursos antidemocráticos.

⁴⁸ N.T.: Marina Vishmidt utiliza o termo em inglês “objectivity-value”, uma tradução possível para a expressão em alemão “Wertgegenständlichkeit”, empregada por Karl Marx em O capital. Ao que tudo indica, “objectivity-value” ganhou circulação recente no contexto anglófono devido a traduções de obras dos alemães de Alfred Sohn-Rehtel e Michael Heinrich, nas quais se recorre a essa opção. No Brasil, as traduções mais correntes para “Wertgegenständlichkeit” são “objetividade do valor” (tal qual empregada por Flávio Kothe e Regis Barbosa na edição d’O Capital publicada pela Nova Cultural em 1996 e reeditada em 2025 pela editora Ubu) e “objetividade de valor” (conforme tradução de Rubens Enderle para O capital, publicada pela editora Boitempo em 2011). Optamos por utilizar “objetividade-valor” como forma de deixar rastros para a interpretação de mudanças históricas em traduções de conceitos, as quais podem derivar de inúmeros fatores. Pois, como mostrava Walter Benjamin em “A tarefa do tradutor” (2008), se o original possui alguma estabilidade, as traduções são sempre históricas. Agradecemos o Professor Flávio Roberto Batista, da Universidade de São Paulo, pelo diálogo para a construção desta nota.

⁴⁹ N.T.: Tradução nossa para trecho: “there is a new sentiment emerging of positive affect for negative futures. [...] Resilience and technology create a form of preemptive infrastructural governance that naturalizes precarity, sacrifice, and violence as a necessary economic value, rather than as a politically derived option” (Halpern, 2017, n/p.)

Embora seja elucidativo pensar nas maneiras pelas quais os fechamentos do presente não apenas tornam certos futuros viáveis e outros não, mas também bloqueiam nossa capacidade de ter um futuro que não seja uma exacerbação do presente, a proscrição que Frederic Jameson faz do futurismo se alinha, em certo sentido, a um consenso emergente de que o futuro é uma categoria de visão que é melhor deixar para o passado.⁵⁰ Talvez, na pressa de descartar todas as narrativas modernistas como inerentemente violentas e opressivas, a ênfase na simples sobrevivência — ou resiliência — impeça o pensamento e a organização contra um presente que é cada vez mais sustentado apenas pelos esforços de suas vítimas.

Referências

ADORNO, Theodor. **Minima Moralia**: Reflections from Damaged Life. Tradução de E.F.N. Jephcott. Londres: Verso, 2005.

ADORNO, Theodor. **Minima Moralia**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, n/d.

ADORNO, Theodor. **Dialética do esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

AYACHE, Elie. **The Blank Swan**: The End of Probability. Oxford: Wiley, 2010.

BANKS, David A. **Engineered for dystopia**. The Baffler, 24 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://thebaffler.com/latest/engineered-for-dystopia-banks>.

BANKS, David A. **The City Authentic**: How the Attention Economy Builds America. Berkeley: University of California Press, 2023.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Tradução de Susana Kampff Lages. *In: A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin*: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale / Editora UFMG, 2008.

BENJAMIN, Walter. Theses on the Philosophy of History. *In: Illuminations*: Essays and Reflections. New York: Schocken Books, 2007.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. *In: Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

50 N.T.: Tradução nossa para o trecho: “[N]othing clearly marks a passage into the future without undoing the forms that bind lives, materials, and systems, in variably punitive ways, to a mode of time designed around the continuity of the present. [...] By future, we may well mean just that sensation of coming unstuck in and from the present” (Williams, n/d, n/p).

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DE BRUYN, Eric C. H.; LÜTTICKEN, Sven (eds.). **Futurity Report**. Berlin: Sternberg Press/MIT Press, 2020.

FABRI, Luce. **Fascismo**: definição e história. Tradução de Fernanda Grigolin, Rodrigo Millán e Aquela Mulher do Canto Esquerdo do Quadro. São Paulo: Tenda de Livros, Publication Studio São Paulo, microutopias, 2019. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/fabbri-luce/1963/mes/90.pdf>.

FISHER, Mark. **The Slow Cancellation of the Future**. Lecture, MaMa, Zagreb, 21 maio 2014. Vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aCgkLICTskQ>.

FISHER, Mark. **Realismo Capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2019.

GRAMSCI, Antonio. Tradutibilidade das linguagens científicas e filosóficas. *In: Cadernos do Cárcere*, vol. 1. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

HALPERN, Orit. Hopeful Resilience. *In: BARBER, Daniel A.; E-FLUX ARCHITECTURE* (eds.). **Accumulation**. e-flux Architecture, 19 abr. 2017. Disponível em: <https://www.e-flux.com/architecture/accumulation/96421/hopeful-resilience/>.

HARAWAY, Donna. **A reinvenção da natureza**: símios, ciborgues e mulheres. Tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu, 2022.

HARAWAY, Donna. **O Manifesto das Espécies Companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. Tradução de Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1997.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARX, Karl. A Contribution to the Critique of Political Economy, Part One. *In: Marx and Engels Collected Works* (MECW), vol. 29. Tradução de Yuri Sdobnikov. Londres: Lawrence & Wishart, 1987.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **O capital**, vol. 1. Tradução de Flávio Kothe e Regis Barbosa. São Paulo: Ubu, 2025.

MARX, Karl. **O capital**, livro 1. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **O capital**, vol.1. Tradução de Flávio Kothe e Regis Barbosa. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MARX, Karl. Theses on Feuerbach. *In: Marx and Engels Collected Works* (MECW), vol.5. Tradução de W. Lough. Londres: Lawrence & Wishart, 1976.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Rubens Enderle, Nélcio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MENEGALLI, Jéssica Cristina Luz. **Teoria da dissociação-valor**: análise da mercadoria e hierarquia sexual. Caderno Cemarx, n. 10, p. 114-130, 2017.

MÉSZÁROS, István. **Capitalism and ecological destruction (Lecture)**. Deutscher Memorial Prize, jan. 1971. Transcrição publicada por Climate & Capitalism, 2017. Disponível em: <https://climateandcapitalism.com/2017/10/02/istvan-meszaros-capitalism-and-ecological-destruction/>.

MHEREB, Maria Teresa. **Sobre tradução e política**: um projeto para os ‘Arquivos sentimentais de uma guerra no Líbano’, de Nadia Tuéni. Exilium - Revista de Estudos da Contemporaneidade, v. 6, n. 10, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.34024/ev00by05>.

MIDNIGHT NOTES. **The Work Energy Crisis and the Apocalypse**. Midnight Notes, v. 2, n. 1, 1979.

MORAES, Fernanda Grigolin. **Sou Aquela Mulher do Canto Esquerdo do Quadro**: a história das mulheres anarquistas como narrativa encarnada. 2020. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

MOORE, Jason W. **Nature/Society & the Violence of Real Abstraction**. World-Ecological Imaginations (blog), 4 out. 2016. Disponível em: <https://jasonwmoore.wordpress.com/2016/10/04/naturesociety-the-violence-of-real-abstraction/>.

MOORE, Jason W.; PATEL, Raj. **A History of the World in Seven Cheap Things**: A Guide to Capitalism, Nature, and the Future of Our Planet. Oakland: University of California Press, 2018.

POSTONE, Moishe. **Time, Labor, and Social Domination**: A Reinterpretation of Marx's Critical Theory. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

POSTONE, Moishe. **Tempo, trabalho e dominação social**: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx. São Paulo: Boitempo, 2014.

ROSA, Hartmut. **Social Acceleration**: A New Theory of Modernity. Tradução de Jonathan Trejo-Mathus. New York: Columbia University Press, 2013.

ROSA, Hartmut. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais na modernidade. Tradução de Rafael H. Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SHAVIRO, Steven. **Speculative Realism – A Primer**. Texte zur Kunst, n. 93, p. 40–51, mar. 2014.

TALEB, Nassim Nicholas. **Black Swan**: The Impact of the Highly Improbable. New York: Random House, 2007.

TURNER, Fred. **From counterculture to cyberculture**: Stewart Brand, the Whole Earth Network, and the rise of digital utopianism. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

VISHMIDT, Marina. Mimesis of the Hardened and Alienated: Social Practice as Business Model. In: BAZZICHELLI, Tatiana; COX, Geoff (eds.). **Disrupting Business**: Art and Activism in Times of Financial Crisis. Data Browser 05. New York: Autonomedia, 2013. (Reimpresso em e-flux, n. 43, mar. 2013).

WILLIAMS, Evan Calder. **Volcano, Waiting**. n/d. Disponível em: https://www.fkawdw.nl/nl/review/sediments/volcano_waiting.

WONG, Julia Carrie. **James Damore sues Google, claiming intolerance against white male conservatives**. The Guardian, 8 jan. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2018/jan/08/james-damore-sues-google-discrimination-white-male-conservatives>.

Sobre as tradutoras

Sofia Porto Bauchwitz é artista, pesquisadora e professora do Departamento de Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Obteve o título de Mestre em Pesquisa em Arte e Criação pela Universidade Complutense de Madrid em 2013 e, em 2017, completou seu doutorado em Belas Artes na mesma instituição, com a tese 'El Artista Errante y El Discurso como Cartografía'.

sofiabauchwitz@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/0877272376067213>

<https://orcid.org/0000-0002-1629-7799>

Fernanda Grigolin é artista, pesquisadora e tradutora. Doutora em Artes Visuais pela Unicamp com estágio no Instituto de Estética da UNAM-México. Foi pesquisadora de pós-doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ. Atualmente é pesquisadora de pós-doutorado no Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, FFLCH- USP

livreto@fernandagrigin.com

<http://lattes.cnpq.br/8106239996516403>

<https://orcid.org/0000-0003-4305-6912>

Maria Teresa Mhereb é pesquisadora e tradutora. Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade de São Paulo (USP), com estágio doutoral no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), Paris, França. É membro do Coletivo Sycorax, dedicado à tradução de obras feministas anticapitalistas. Atualmente, é pesquisadora da Cátedra Edward Saïd de Estudos da Contemporaneidade, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

teresamhereb@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9269481463571421>

<https://orcid.org/0000-0001-7458-8829>

Recebido em: 28-02-2026. Tradução avaliada por pares em duplo-cego e revisada editorialmente

Como citar

VISHMIDT, Marina (autora); BAUCHWITZ, Sofia Porto; GRIGOLIN, Fernanda; MHEREB, Maria Teresa (tradutoras). Acumulando futuros. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 7 n. 1, p.396 – 421, jan. – jul. 2026. <https://doi.org/10.14393/EdA-v7-n1-2026-81602>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.